



REALIZAÇÃO

APOIO

FEMINISMO TEEN: análise do papel das plataformas digitais na construção da identidade das jovens progressistas.

Ana Clara P. de SOUZA¹; Aline B. ALVES²; João G. S. R. SÓ³; Regina M. de ARAÚJO⁴

RESUMO

O interesse pelo movimento feminista e suas pautas têm crescido e se fortalecido entre meninas e jovens mulheres e a internet através de suas plataformas digitais tem exercido importante papel de letramento feminista. A internet como espaço de divulgação de conteúdo se apresentou como importante estratégia para as feministas. Os conteúdos feministas têm chegado às jovens, contribuindo para conscientização feminista. Ao analisarmos as plataformas digitais selecionadas foi possível perceber a importância do movimento.

Palavras-chave:

redes sociais; relações de gênero; letramento feminista; juventude feminista.

1. INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, a internet vem se tornando um espaço de divulgação da luta feminista, bem como de denúncia para as diversas violências e opressões sofridas pelas mulheres na atualidade. Nessa óptica, em janeiro de 2024, a Financial Times lançou uma matéria a partir das pesquisas realizadas pela Universidade de Stanford mostrando uma lacuna ideológica entre homens e mulheres jovens. Por muito tempo, houve uma tendência de homens e mulheres de uma mesma geração não apresentarem grandes divergências de posicionamentos políticos e ideológicos, fazendo com que cada geração tendesse a mover-se em direção aos mesmos grandes marcos da vida e a se misturarem nos mesmos espaços. Contudo, nos dias de hoje, observa-se uma tendência ideológica diferente entre homens e mulheres entre 18 e 29 anos. Nesse novo quadro os homens tendem a permanecer mais conservadores e as mulheres mais progressistas (BARROS, 2024). Mulheres do Reino Unido e da Alemanha têm apresentado opiniões com posicionamentos mais favoráveis à migração. Enquanto na China já se percebeu a redução nos índices de casamento e de natalidade em função dessa proximidade das mulheres a visões mais progressistas. (MURDOCH, 2024)

A pesquisadora Alice Evans, que se dedica a estudar os impulsionadores do apoio à igualdade de gênero, atribuiu essa lacuna ideológica ao crescimento e fortalecimento das pautas feministas. Nos meios digitais, as meninas e mulheres têm procurado crescimento profissional, independência financeira e têm, cada vez mais, procurado por pautas ligadas à igualdade de gênero, enquanto os

¹ Bolsista Fomento Interno, IFSULDEMINAS – Campus Três Corações. E-mail: ana20.souza@alunos.if sulde minas.edu.br

² Bolsista PIBIC-EM/CNPq, IFSULDEMINAS – Campus Três Corações. E-mail: aline.barros@alunos.if sulde minas.edu.br

³ Bolsista PIBIC-EM/CNPq, IFSULDEMINAS – Campus Três Corações. E-mail: joao.so@alunos.if sulde minas.edu.br

⁴ Professora e Orientadora, IFSULDEMINAS – Campus Três Corações. E-mail: regina.araujo@if sulde minas.edu.br

meninos e homens têm reagido negativamente aos impactos das mudanças ocorridas, em função das lutas e discussões propostas pelo movimento feminista. Para a pesquisadora, os meninos têm sentido ameaçados pelo feminismo, o que resulta no desenvolvimento mais intenso de posicionamentos sexistas e de extrema direita. (MURDOCH, 2024)

Partindo dos dados apresentados por essas pesquisas e entendendo que as plataformas digitais possuem papel crucial no processo de letramento feminista atualmente, nossa pesquisa analisou plataformas digitais que divulgam conteúdos feministas, com o objetivo de pensar o papel da internet através dessas plataformas como forma de construção da identidade da juventude feminina progressista. Entendendo a internet como espaço de revigoramento da luta feminista e mobilizando conceitos como ciberfeminismo, analisamos de maneira crítica a sua difusão, tentando pensar o uso e o abuso do espaço virtual nesse processo de letramento feminista.

2. MATERIAL E MÉTODOS

A pesquisa foi dividida em duas fases: na primeira foi feito o levantamento dos estudos sobre o feminismo e o ciberfeminismo para revisão de literatura científica. Na segunda fase, foram listadas e escolhidas 10 plataformas digitais que tinham como abordagem as temáticas progressistas, com ênfase na luta feminista. Na primeira parte do projeto, foi realizado a leitura de fontes bibliográficas de cunho acadêmico-científico sobre a temática da teoria feminista e do ciberfeminismo. Os artigos selecionados tratavam da história do feminismo, das redes sociais, dos estudos de gênero e do ciberfeminismo. Na segunda fase, foi feito o levantamento de 10 plataformas digitais que tratavam de temáticas progressistas que davam ênfase ao feminismo e, entre as plataformas digitais selecionadas, foram privilegiadas as redes sociais como o Instagram, o TikTok e o X. Privilegiou-se a análise qualitativa, percebendo as redes sociais voltadas para o público adolescente e as voltadas para o público jovem adulto. Nesse momento da pesquisa analisamos o conteúdo das postagens e “tweets” e sentimos a necessidade de fazer o levantamento de termos que fazem parte do vocabulário do movimento feminista. Para tal, construímos um “vocabulário feminista” com as definições apresentadas nas plataformas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante muito tempo, a teoria feminista esteve presente apenas na academia e, em razão disso, não alcançou o grande público. Conforme exposto por hooks (2020), em seus anos de prática docente, o movimento feminista havia falhado por não conseguir explicar a todo mundo as políticas feministas, ele passou a ser algo teórico e acadêmico, não ultrapassando as margens das universidades e não dando conta de acessar homens e mulheres fora do meio acadêmico. Ao transitar em outros espaços não acadêmicos, hooks também percebeu o preconceito existente em relação ao feminismo e as feministas que se relacionam pelo completo desconhecimento sobre o movimento e, diante dessa

realidade, a autora passa a se dedicar a popularização do pensamento feminista, escrevendo livros como o intitulado “O feminismo é para todo mundo”, convidando homens e mulheres conecerem a teoria feminista. (HOOKS, 2020)

O movimento que tem suas origem em fins do século XIX, se estendendo ao longo do século XX é marcado pela pluralidade de pautas. Nos primeiros anos, as discussões eram pautadas pela inclusão das mulheres nos espaços públicos e na política. A partir dos anos de 1960, o movimento feminista passou por um processo de fortalecimento ao introduzir discussões sobre a categoria gênero e a construção do papel social da mulher, bem como a chegada aos espaços acadêmicos como alunas e professoras. Já nos anos de 1970, houve uma popularização dessas pautas com a chegada delas nos teatros, filmes, músicas, etc. O estabelecimento do Ano Internacional da Mulher em 1975 pela ONU chamou a atenção para a luta por igualdade na política, na educação, nos direitos civis, no mundo do trabalho e no espaço doméstico (ZIRBEL, 2007).

Nos anos de 1980, diante dos avanços das discussões em torno das pautas feministas e de certos ganhos sociais nos Estados Unidos, a mídia começou a rotular a juventude de pós feminista, entendendo que os objetivos do movimento feminista haviam sido alcançados. Contudo, em 1992, em seu ensaio, Rebeca Walker mostra a persistência do sexismo e convoca as jovens a re-integrarem à luta feminista. Como observa bell hooks, a mídia tratou de apagar ou minimizar, dando mais visibilidade para as narrativas e experiências das mulheres brancas de classe média. Entretanto, feministas latinas, negras, proletárias, lésbicas etc, só conseguiram mais visibilidade a partir dos anos de 1990 com os avanços das novas tecnologias de comunicação, junto com os conceitos de gênero, interseccionalidade e vários outros que ultrapassaram os portões da universidade. (HOOKS, 2019)

A virada do século XX para o XXI foi marcada pela presença do feminismo em todos os continentes com forte atuação de jovens feministas engajadas nas mídias sociais. bell hooks observa que “feministas são formadas, não nascem feministas” (HOOKS, 2020, p. 25). Nesse sentido, as plataformas digitais têm se apresentado como ferramenta fundamental para a luta feminista.

Ao analisarmos as 10 plataformas digitais percebemos o papel importante das mídias sociais para o letramento e aproximação de meninas e jovens às pautas feministas, bem como outras questões como racismo, racismo ambiental, mudanças climáticas, desigualdades sociais e econômicas revelando a pluralidade do movimento. O ciberfeminismo pode ser definido como “um conjunto de estratégias estético-políticas-comunicacionais orientadas à cultura eletrônica, sobretudo a internet e a tecnologia digital” (FERREIRA, 2015, p. 37). Através dessas estratégias as proprietárias das páginas analisadas buscam transmitir mensagens pró feminismo.

Palavras e expressões como “poder feminino”, “direitos das mulheres”, “machismo” e “patriarcado” são recorrentes nas publicações das plataformas analisadas. Nesses espaços virtuais ocorrem denúncias de violência contra a mulher, sexismo, assédio moral e sexual, entre outros. Como

observa Lima, “(...) as redes sociais virtuais constituem-se, como um espaço de confronto aos discursos dominantes. A popularização da internet contribuiu para fazer circular massivamente discursos de valorização do feminismo” (LIMA, 2013, p.10).

4. CONCLUSÃO

Conclui-se que a mensagem feminista está presente nas plataformas, contudo falta em muitas delas a leitura de literatura feminista. Observa-se alguns usos inadequados de conceitos, como o de “empoderamento”, atribuindo-o um sentido ligado à estética do corpo. Entretanto, acima dessas problemáticas, as plataformas contribuem para a maior difusão e, consequentemente, maior adesão ao movimento feminista, fortalecendo a capacidade de mobilização em torno das pautas ligadas às diversas violências contra a mulher, mas também visibiliza as discussões como o racismo, o machismo, o direito ao corpo, as sexualidades, as etnias, as classes e as identidades de gênero.

REFERÊNCIAS

BARROS, Duda Monteiro de. Mulheres da geração Z lideram a adesão a ideias progressistas no Brasil. Revista Veja. São Paulo. 15 de março de 2024. Comportamento. Disponível:<https://veja.abril.com.br/comportamento/mulheres-da-geracao-z-lideram-adesao-a-ideias-progressistas-no-brasil>. Acesso 27/07/2024.

BEAUVOIR, Simone de. O Segundo Sexo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009. PINTO, Céli Regina Jardim. Feminismo, História e Poder. In: *Revista de Sociologia Política*. Curitiba, v. 18, n. 36, p. 15-23, jun. 2010.

HOOKS, Bell. *Teoria feminista. Da margem ao centro*. Trad. Rainer Patriota. São Paulo: Perspectiva, 2019. *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*. Trad. Bhumi Libano. Rio de Janeiro: Rio de Janeiro, 2020.

MURDOCH, John Burn-. A new global gender divide is emerging. Financial Times. Reino Unido. 26 de Janeiro de 2024. Opinião. Disponível: <https://www.ft.com/content/29fd9b5c-2f35-41bf-9d4c-994db4e12998>. Acesso 26/07/2024.

ZIRBEL, Ilze. *Estudos feministas e estudos de gênero no Brasil*. (Dissertação de mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.